



Para saber mais acesse
as nossas mídias sociais!

Mais notícias em: www.sintsefceara.org.br | Para receber envie email: imprensasintsef@gmail.com | Ano VII - Nº 2055 12/01/2021

Banco do Brasil anuncia demissão de 5 mil e fechamento de 361 unidades

O desmonte do serviço público de qualidade segue a todo vapor no governo de Jair Bolsonaro (ex-PSL). Mais uma vez, o Banco do Brasil é alvo de demissões que precarizam o atendimento e facilita a privatização. A direção do BB, rezando a cartilha neoliberal do ministro da Economia, o banqueiro Paulo Guedes, anunciou nesta segunda-feira (11) que quer demitir até 5 de fevereiro deste ano, cinco mil trabalhadores e trabalhadoras, por meio de um Plano de Demissão Voluntária (PDV).

Em junho de 2020, o diretor eleito de seguridade da Caixa de Previdência do BB (Previ), Marcel Barros, já havia chamado a atenção para o fato de que se os bancos públicos estivessem cumprindo a sua função social, investindo pesadamente recursos no país, os efeitos da pandemia sobre a atividade econômica e os empregos seriam bem menores, o que ajudaria na recuperação pós-coronavírus. “Utilizar os bancos públicos para fazer financiamentos visando estabilizar a economia e preservar empregos era o mínimo que se esperaria de um governo sério. Mas não é o caso. Ao atual governo não interessa fazer isto. Está jogando o país à própria sorte. E, por este motivo, as dificuldades estão sendo bem maiores”, denunciou o diretor em entrevista ao Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro.

Visando apenas ganhar mais, o Banco do Brasil, diz que vai “economizar” R\$ 353 milhões em 2021 e R\$ 2,7 bilhões até 2025, apesar do lucro bilionário que vem obtendo. Entre 2016 e 2019, o lucro líquido ajustado do BB apresentou crescimento de 122%. Era de R\$ 8,033 bilhões em 2016 e subiu para R\$ 17,848 bilhões em 2019 (o dado completo de 2020 ainda não foi divulgado). No mesmo período as receitas de tarifas e prestação de serviços do banco cresceram 22% passando de R\$ 24 bilhões para R\$ 29,2 bilhões.

“Ao fechar agências e priorizando o atendimento eletrônico, o Banco do Brasil impede o acesso dos mais idosos e dos que têm baixa escolaridade, não familiarizados com o método, e até mesmo os micro e pequenos empresários, donos de bares, restaurantes e pequenos supermercados que ainda utilizam os caixas do BB para o depósito de

malotes de dinheiro. Quem conta esse dinheiro é o bancário que trabalha no Caixa”, alerta João Fukunaga, secretário de assuntos jurídicos do Sindicato dos Bancários de São Paulo e funcionário do Banco do Brasil.

Matéria completa no site da CUT Brasil (om informações do Sind. Bancários-Rio)

Dados Banco do Brasil								
Itens Estruturais	1º tri/2016	4º tri/2016	4º tri/2017	4º tri/2018	4º tri/2019	3º tri/2020	Variação Absoluta	Variação Relativa
Funcionários	109.864	100.622	99.161	96.889	93.190	92.106	-17.758	-16%
Agências	5.428	5.440	4.770	4.722	4.356	4.370	-1.058	-19%
Clientes	63.889.582	64.798.328	66.017.425	67.362.552	70.169.487	73.373.663	9.484.081	15%
Resultado	2016	2017	2018	2019	Variação Relativa	Fonte: Demonstrações Contábeis Banco do Brasil		
Lucro Líquido Ajustado (R\$ Mil)	8.033.556	11.060.000	13.513.000	17.848.000	122%			
Receita de Tarifas (R\$ Mil)	24.003.921	25.941.416	27.414.692	29.208.671	22%			

Saída da Ford deve agravar índice de desemprego no nordeste

O fim da produção de veículos da Ford no Brasil agravará o índice de desemprego na Bahia, que está em 19,8%, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Na região de Camaçari (BA), o impacto estimado é de 12 mil empregos diretos – três vezes maior que o número de trabalhadores da Ford no estado.

A projeção é do Sindicato dos Metalúrgicos de Camaçari, que prevê ao todo o fechamento de 60 mil vagas, diretas e indiretas, em cerca de 30 empresas. As outras unidades que serão fechadas pela Ford no país estão em Taubaté (SP) e Horizonte (CE).

Menos de 24 horas após o anúncio da Ford, entidades como a Confederação Nacional da Indústria (CNI) e a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) alertaram para o “custo Brasil” e pediram mais reformas para “melhorar o ambiente de negócios”. Em contraposição, Ana Georgina, supervisora técnica regional do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) na Bahia, afirma que o principal motivo da saída da empresa do país não seria o “custo Brasil”, e sim a instabilidade política e econômica do país. “O problema é nossa política econômica, que não oferece saídas para a estagnação. Não temos uma política industrial, com estímulo ao investimento interno e externo, e a empresa aproveitou a queda nas vendas durante a pandemia para dar continuidade a sua estratégia global”, complementa.

Matéria completa no site Brasil de Fato